

UM OLHAR OUTRO

Retidos em casa, já lá vai mais de um mês, a celebrar pelo povo impossibilitado de estar, e com as igrejas fechadas desde 21 de Março, privados das celebrações maiores da fé cristã, as da Semana Santa e Páscoa, numa altura em que surgem os primeiros sinais de «luz ao fundo do túnel», importa, hoje mais que nunca, um olhar sereno mas realista, crítico e comprometido sobre os desafios que esta pandemia nos lança.

Como se verifica, a gravidade da situação implicou medidas drásticas e compromisso de todos a fim de se evitarem os riscos de contágio. A Igreja deu o exemplo e sempre se mostrou colaborante com as autoridades. Nem outra coisa se esperava.

Não me imagino na pele dos responsáveis políticos que têm de tomar decisões. Compreendo as dificuldades e, diante de decisões precipitadas ou desajustadas, devo ser tolerante. Intolerante, ao contrário, para com aqueles que se aproveitam desta desgraça, seja para manipulação dos dados e divulgação de falsas notícias, seja para exacerbar interesses financeiros ou ideológicos. Quem não reconhece que em tempos de crise muitos crescem à custa da mingua dos outros?

As redes sociais atenuaram o isolamento. Mas revelaram também a facilidade com que delas se pode abusar, ampliando falsidades, instintos de vingança e até voyeurismo criminoso.

Desafiados que somos a transformar a morte em vida (eis-nos no cerne do Mistério pascal de Jesus) importa preparar o futuro com a riqueza adquirida no «estar em casa», confinado e desafiado a ir ao essencial (eis-nos no tempo forte da Quaresma). Desejamos voltar à normalidade: se voltar atrás, significa aos mesmos ritmos e modos de proceder... pobres de nós que perdemos este tempo de «graça» sem aprendermos nada, sem nos transformarmos por dentro. Ou não é verdade que passamos a vida a correr e a queixar-nos que não temos tempo para nada? Queremos voltar a tal «normalidade», que nos cansa e de que sempre nos queixamos?

E como estamos no «ir ao essencial»? Aprendemos que a «igreja doméstica» se pode tornar o verdadeiro espaço de culto diário e que a família é mesmo a primeira «assembleia» de louvor a Deus? E que é na casa de família que as crianças aprendem as atitudes de fé, a amar e a louvar o Senhor? Que os catequistas da Paróquia não substituem os pais?

Confinados em casa, admiramos o bom senso dos portugueses, acatando as decisões superiores. Não foi difícil, afinal, pôr as pessoas em casa. Questio-no-me, no entanto, se não se impunham outras atitudes que mitigassem o desconforto de tantos, particularmente os debilitados em saúde mental, e de tantas famílias, porventura em crise relacional. A televisão e as redes sociais ocuparam um espaço maior ainda que antes. Serão suficientes?

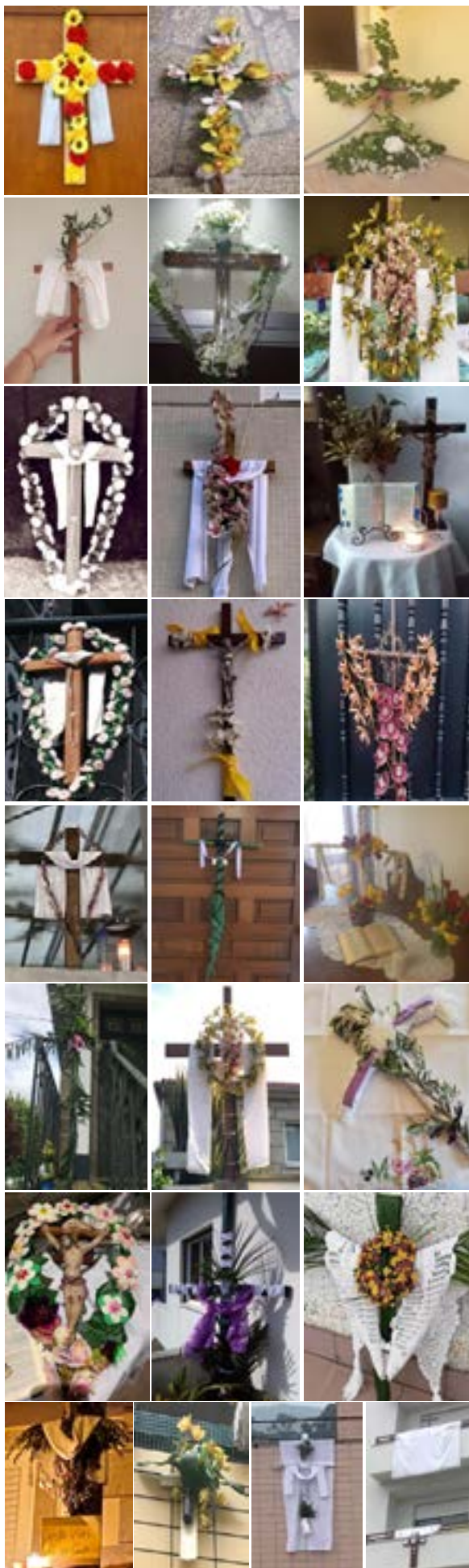
O Domingo passado foi ocasião de aprofundar o que somos como humanos sociáveis. Era tempo de visita pascal, de suma importância para os nossos velhinhos – as recordações de toda a vida avolumam-se num gesto menos consciente talvez mas avivador de memórias – e para as nossas crianças. A ordem era clara: não há visita pascal. Compreende-se, porque pessoas em grupo é risco claro e pesado. Pensam-se alternativas – é o desafio à criatividade: sem juntar as pessoas para evitar riscos. Surge o rigorismo de quem parece não compreender o ser humano, que precisa, agora mais ainda, de «aliviar a pressão». Lembrei-me da conversa com um sacerdote francês, já lá vão 25 anos, que se queixava de um grupo de portugueses, que lhe pedia catequese para os filhos em português e, perante a sua oposição, se organizaram para tal ignorando-o. Lição para mim: «quando o rebanho está cercado e tem pasto não há problema; mas quando falta o pasto salta a cerca». O respeito pela dignidade das pessoas deve implicar, para quem decide, pensar em alternativas possíveis a fim de não se correr o risco de não se morrer da doença e morrer-se da cura.

Verifiquei pessoalmente, e recebi comentários no mesmo sentido, sobre o significado que teve na comunidade de vizinhos – alegre e rica no igualitarismo de todos às janelas, unidos nos mesmos sentimentos – o minuto apenas que passei junto das cruzes enfeitadas pelos moradores, na tarde de domingo de Páscoa, enquanto os sinos tocavam de festa: um simples gesto, uma breve palavra dirigida para os moradores, uma bênção... eu, sozinho, senti-me rodeado de multidão e a multidão à janela exultou de alegria: «agora já passou a Páscoa». Afinal, o mesmo que disseram no ano anterior acabado de sair o Compasso. Foi o possível, decidido na forma como aconteceu, apenas alguns minutos antes de os sinos começarem a tocar. Foi a alternativa à passagem de um carro com a mensagem de que Cristo ressuscitou, impedido de andar pelas ruas de Barcelos. Ousemos retirar lições.

O Prior – P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 1000 ex.

A ARTE NAS CRIANÇAS DA CATEQUESE



É na comunidade que se reconhece o Ressuscitado

Logo no segundo domingo, ao terminar a Oitava, instituído por S. João Paulo II como Dia da Misericórdia Divina, somos convidados a descobrir o valor da Comunidade como o espaço do Ressuscitado. Este ano, de um modo especial devido à pandemia que nos retém em casa, descobrimos a Comunidade da igreja doméstica, a família de cada um. Oxalá todos guardem esta riqueza para o futuro. Mas a liturgia convida-nos a sair de nós para nos encontrarmos na «fracção do pão, no ensino dos apóstolos, na comunhão fraterna e nas orações», que caracterizaram as primeiras comunidades cristãs surgidas da pregação dos apóstolos, ultrapassado que foi o desaire do Calvário. O «toque» foi de tal maneira revolucionário na vida dos apóstolos que eles, unidos mas entregues cada um à missão que o Senhor lhes confiou, em pouco tempo abalaram definitivamente os alicerces do judaísmo, implantando, sem esquemas prévios e estratégias montadas, uma nova maneira de os humanos se relacionarem com Deus. Foi apenas com a força do Espírito que alimentava a verdade do seu testemunho que eles, em tão pouco tempo, mudaram o rumo da história, contada mais tarde a partir da referência ao nascimento de Cristo.

Nada contou para eles, nem mesmo a própria vida. Apenas proclamar aos quatro ventos o que Jesus disse e fez. E com a própria morte selaram a verdade do que anunciavam. Exactamente como o fez Jesus, que pagou com a vida a Verdade que anunciava.

S. João relata-nos as aparições do Ressuscitado, domingo após domingo, como a dizer-nos que «o primeiro dia da semana» é o Dia do Senhor, o adequado para os cristãos celebrarem a sua união a Jesus assumindo a missão de proclamar ao mundo, geração após geração, como deve ser o amor a Deus, que os judeus não desprezavam, e o amor entre os humanos.

Domingo a domingo somos nós chamados a fazer a mesma experiência do encontro com o Ressuscitado, que nos «toca» também a nós e nos envia em missão. Responderemos certamente como Tomé, exigindo reconhecer os sinais. Pela dúvida e até pela exigência de racionalidade passa o processo humano de adesão à fé. Se tal é compreensível, já o não será ou será menos, firmarmos-nos na nossa autossuficiência julgando-nos senhores absolutos da realidade. O crente faz, no meio dos processos humanos, a experiência da dúvida no cerco da racionalidade, desejosa de evidência lógica. Um cerco que se quebra quando se deixa tocar pelo Ressuscitado, como aconteceu com Tomé. Daí, a Igreja nos ensinar sempre que a fé é dom de Deus, mas que o ser humano é «capaz de Deus», que, respeitando a liberdade de cada um em abrir-se ou fechar-se para Ele, Se mantém não desistente diante do cerco que lhe mostramos. Felizes de nós, como aconteceu com Tomé, quando o quebramos e, pela fé, avançamos para uma relação pessoal com Ele. E com este Cristo, ressuscitado, que cada um de nós se relaciona, constituindo-o o Centro, à volta do qual gira toda a sua vida.

RESIDÊNCIA DOS PRIORES DE BARCELOS

Como é do conhecimento público, o Prior pôs à disposição do Hospital de Santa Maria Maior os dois quartos da residência paroquial. Recuperada com o esforço dos paroquianos, a residência foi inaugurada há cerca de quatro anos, passando de imediato a servir para actividades pastorais no rés-do-chão e no 1º piso.

Desde o dia de Páscoa passou a ser habitada no 2º piso por uma senhora enfermeira, destacada para o nosso hospital, durante este tempo de pandemia do Covid 19, que obriga a reorganizar serviços no SNS.

CRUZES BENZIDAS EM DIA DE PÁSCOA

O Prior agradece a todos os paroquianos que se empenharam em dar uma imagem cristã à nossa cidade durante a Semana Santa e a Oitava de Páscoa, que hoje termina. Foram várias as cruzes expostas que acabaram por ser elementos a congregar vizinhos. Benzê-las no dia de Páscoa tornou-se ocasião para ele de as apreciar e de marcar presença na celebração de um dia único em condições únicas. Sinal de Páscoa.



Uma relação pessoal com Ele. E com este Cristo, ressuscitado, que cada um de nós se relaciona, constituindo-o o Centro, à volta do qual gira toda a sua vida. E o que nos traz esta «Aliança» com o Ressuscitado? O mesmo que trouxe aos apóstolos: a paz e a promessa da vida eterna. Mensageiro da misericórdia de Deus, isto é da compaixão e do perdão de Deus para a Humanidade, Jesus dá-nos a paz do coração, que todos humanamente desejamos. Cabe-nos a nós, agora, levar a todos a mesma mensagem de paz e de perdão de Deus. Quem não reconhece que é mesmo desta paz de Deus que a sociedade – antes de mais, tu e eu – precisa?

O Prior – P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
II DOMINGO DE PÁSCOA
**Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
 porque é eterna a sua misericórdia**
Segunda, 20 – Leituras: Act 4, 23-31
 Jo 3, 1-8

Terça, 21 – **S. Anselmo**
 Leituras: Act 4, 32-37
 Jo 3, 7b-15

Quarta, 22 – Leituras: Act 5, 17-26
 Jo 3, 16-21

Quinta, 23 – **S. Jorge e S. Adalberto**
 Leituras: Act 5, 27-33
 Jo 3, 31-36

Sexta, 24 – **S. Fiel de Sigmaringa**
 Leituras: Act 5, 34-42
 Jo 6, 1-15

Sábado, 25 – **S. Marcos**
 Leituras: 1 Pedro 5, 5b-14
 Mc 16, 15-20

DOMINGO, 26 – **III DA PÁSCOA**
 Leituras: Act 2, 14. 22-33
 1 Pedro 1, 17-21
 Lc 24, 13-35

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 20 – Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho

Terça, 21 – Maria Gracinda Rego de Sousa Graça Esteves (87º aniv.)

Quarta, 22 – Maria do Carmo Gonçalves Fernandes, marido e família

Quinta, 23 – *Intenções colectivas:*

- Maria Cândida Barbosa da Costa
- Em honra de S. José (Alexandra Afonseca)
- Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel
- Luciana da Silva
- João Cruz da Costa e Maria Rosa Ferreira

Sexta, 24 – Francisco Duarte Carvalho

Sábado, 25 – *Intenções colectivas:*

- Rodrigo Alves Faria (7º aniv.)
- Manuel João Jesus Amaral
- José Miranda da Silva

- Maria Fernanda Lopes Martins
- Maria do Carmo Sousa Faria
- Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódia

Domingo, 26 – 11.00 – Missa pelo povo

QUEM QUER SER «SINAL DE CONTRADIÇÃO»?

1. Ser cristão é «deixar de ser» para «passar a ser»: é deixar de ser (apenas) ele para ser Cristo nele (cf. Gál 2, 20). Assim sendo, o cristão há-de procurar ser uma espécie de «reprodutor» de Cristo: como Ele foi, assim nós devemos ser (cf. Jo 13, 15).

2. Esta disponibilidade tem de ser por inteiro. Não pode ser fatiada, às parcelas. Um Cristianismo selectivo não é um Cristianismo vivo. E, nessa medida, estará sempre longe de ser convincente.

3. Os cristãos de outrora – e, como eles, muitos cristãos de agora – compreenderam que, amando o mundo, Cristo entrou, frequentemente, em contradição com ele. Aliás, isso já fora vaticinado por Simeão quando Jesus ainda era Menino. Ele iria ser no mundo «sinal de contradição» (cf. Lc 2, 34).

4. Mais. Era precisamente esse «sinal de contradição» que viria a fazer d'Ele a «luz das nações» (cf. Lc 2, 32). Tenhamos presente que, segundo um dos relatos da criação, a luz é o maior contraste frente às trevas primordiais (cf. Gén 1, 2-3). Sem essa luminosa contradição, o mundo não deixaria de ser uma mórbida obscuridade.

5. Por aqui se vê como ser cristão é também – e essencialmente – reproduzir a contradição de Cristo em relação ao mundo. Estranho seria que os cristãos incorporassem a situação do mundo e se posicionassem em contradição para com Cristo.

6. A estranheza atingiria proporções insustentáveis quando praticamente ninguém se revê no que se passa no mundo. Se não nos revemos no mundo, porque é que, tantas vezes, cedemos à tentação de absorver o mundo em vez de participar na transformação do mundo?

7. A resposta é simples. Porque queremos eximir-nos aos incómodos provocados pela contradição. Nada fazer poucos problemas traz. Permite-nos sobreviver sem grandes contratempos. Mas, como pergunta Edgar Morin, «será que sobreviver é viver?»

8. Há que perceber que viver Cristo implica viver o Seu ser «sinal de contradição». Daí que, embora nem todos acabemos martirizados, a Igreja seja por natureza «Igreja do martírio».

9. Jesus pagou com a vida o Seu ser «sinal de contradição». A muitos dos Seus discípulos de todas os tempos e idades aconteceu o mesmo. Basta pensar no caso – não muito conhecido – do Bispo Potino de Lyon (século II). Com mais de 90 anos e já muito doente, foi brutalmente espancado e morto por se manter fiel a Cristo.

10. Também hoje e como alerta Josef Zvefina, não podemos «ser um sinal qualquer». Só é verdadeiramente cristão quem se dispuser a ser «sinal de contradição». Pois só nesse sinal encontrará o mundo a paz e a salvação!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 15.04.2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Família n.º 167 – 10,00

TOTAL DA SEMANA – 10,00 euros

 A transportar: 21.168,95 euros
 Despesas até agora: 30.705,36 euros

É um facto indelével que o homem comete todo o tipo de crimes contra a natureza, cujo rol é pavorosamente indiscriminável, viola a seu talante as mais elementares leis que regem a vida natural, agride grande número de animais pacíficos com uma sanha predatória inqualificável, conspurca o meio ambiente com gestos de absoluta indigência, destrói sistemas humanos com a sua ganância luxuriosa e não tem modo de meter freio às suas paixões destrutivas. Sim, o homem pode muito, porém, jamais pode dominar e compreender o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, e jamais pode desvendar tudo o que pertence à esfera do mistério insondável da existência universal. Jamais pode!

Fernando Pinheiro, in DM 12/04/2020

**CONSAGRAÇÃO DA IGREJA
 EM PORTUGAL E ESPANHA
 AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
 E AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA**

Coração de Jesus Cristo, médico das almas, Filho amado e rosto da misericórdia do Pai, a Igreja peregrina sobre a terra, em Portugal e Espanha, nações que tuas são, olha para o teu lado aberto, sua fonte de salvação, e suplica:

— nesta singular hora de sofrimento, assiste a tua Igreja, inspira os governantes das nações, ouve os pobres e os aflitos, exalta os humildes e os oprimidos, cura os doentes e os pecadores, levanta os abatidos e os desanimados, liberta os cativos e os prisioneiros e livra-nos da pandemia que nos atinge.

Coração de Jesus Cristo, médico das almas, elevado no alto da Cruz e tocado pelos dedos do discípulo no íntimo do cenáculo, a Igreja peregrina sobre a terra, em Portugal e Espanha, nações que tuas são, contempla-Te como imagem do abraço do Pai à humanidade, esse abraço que, no Espírito do Amor, queremos dar uns aos outros segundo o teu mandato no lava-pés, e suplica:

— nesta singular hora de sofrimento, ampara as crianças, os anciãos e os mais vulneráveis, conforta os médicos, os enfermeiros, os profissionais de saúde e os voluntários cuidadores, fortalece as famílias e reforça-nos na cidadania e na solidariedade, sê a luz dos moribundos, acolhe no teu reino os defuntos, afasta de nós todo o mal e livra-nos da pandemia que nos atinge.

Coração de Jesus Cristo, médico das almas e Filho da Virgem Santa Maria, pelo Coração de tua Mãe, a quem se entrega a Igreja peregrina sobre a terra, em Portugal e Espanha, nações que, desde há séculos, tuas são, e em tantos outros países, aceita a consagração da tua Igreja.

Ao consagrar-se ao teu Sagrado Coração, entrega-se a Igreja à guarda do Coração Imaculado de Maria, configurado pela luz da tua Páscoa e aqui revelado a três crianças como refúgio e caminho que ao teu coração conduz.

Seja a Virgem Santa Maria, a Senhora do Rosário de Fátima, a Saúde dos Enfermos e o Refúgio dos Teus discípulos gerados junto à Cruz do teu amor.

Seja o Imaculado Coração de Maria, a quem nos entregamos, conosco a dizer:

— nesta singular hora de sofrimento, acolhe os que perecem, dá alento aos que a Ti se consagram e renova o universo e a humanidade. Ámen.

Santuário de Fátima, Basílica de Nossa Senhora do Rosário, 25.03.2020

**DE QUEM EU GOSTO MESMO,
 É DO MIÚDO!**


Roupa simples, rosto lavado, ar sereno, olhar calmo e resignado, postura humilde, assim aparecia o miúdo para mais um dia de aulas.

Como chegava atrasado, pagava por isso. Ia até ao pé do professor, invariavelmente junto do quadro (quem não se lembra das salas de aula antigas, nos tempos idos da então chamada Escola Primária), para pedir desculpa...; a régua já estava a postos, o aluno também já conhecia o ritual, estendia humildemente a mão, o professor passava ao de leve a régua pela mão do garoto, como que afinando o instrumento do suplício, e desferrava depois uma forte reguada na palma da mão do pequenote.

Dia seguinte, calendário mudado, ritual mantido. O miúdo de novo a chegar atrasado, truz-truz na porta, a entrada tímida na aula, passos em direção ao professor, mão para diante, régua em pontaria, e mais uma tremenda reguada.

Mais uma manhã, mais uma porta a abrir-se fora de horas, de novo os coleguitas da sala todos em silêncio, meio assustados (ou meio solidários com o companheiro?!), reguada p'ra mãozita, aluno cabisbaixo em direção à carteira para participar na aula a decorrer.

Até que um dia a realidade mudou. Girando com a sua bicicleta, o professor vê o crónico atrasado a conduzir um carrinho de deficientes.

É que antes de ir para a escola, o miúdo, afinal, tinha que ir levar o irmão mais velho à escola dele. Depois bem ele corria, mas... Essa caridade implicava atraso, reguadas, humilhação perante os colegas, castigos, eventualmente perdas de rendimento.

Mas nada disso estava, para o "miúdo dos atrasos", à frente do amor. Estava disposto a pagar o preço do bem fazer. E nada o demovia da caridade.

Ao ver a entrega do deficiente na escola dele, percebeu o professor a razão dos atrasos do humilde e simples garoto, "meia estaleca de cabide", coração gigante. Ora aí temos o miúdo de novo a entrar na aula, invariavelmente atrasado.

E o ritual a cumprir-se: o pequeno vai em direção ao professor para invocar perdão, o professor pega na régua e..., desta vez coloca ele a régua nas mãos do miúdo, estende ele a palma da mão para ser "reguado"... Não, o miúdo não lhe bateu... Antes, manteve o ar de sempre: humilde, sereno, meigo...

Então o professor agarrou-lhe nas mãos, beijou-lhas e acabou por abraçá-lo, demoradamente, sentidamente, humildemente. Tudo sem palavras, que essas são dispensáveis, quando os corações conseguem falar.

Tanta injustiça; tanto juízo precipitado; tanto preconceito... Tanta "reguada"; tanta dor; tanta humilhação... Tantas vezes só pelo que parece, pelo "tenho quase a certeza" que..., pelo "está mais que visto que"..., por juízos não raro infundados e precipitados...

Normalmente sem ouvir o outro, o que ele tem para dizer... Já lá vai o tempo das "reguadas". Mas, nesta história, de quem eu gosto mesmo é do miúdo. Bem, também gosto dos adultos quando do mal se arrependem e em vez da destruição, do vexame, da violência, dos juízos negativos e fáceis, se dispõem à conversão, à generosidade e ao abraço.

José Paulo Abreu, In DM 14.04.2020